

Meus pêsames...

Uma expressão pesada! Lembra peso, pesar, soa forte.

Ainda bem que de uns tempos para cá, nos velórios, é mais comum escutar e dizer: - Meus sentimentos... Soa mais leve; e se junto disso vier um abraço (com uma leve massagenzinha nas costas, que virou moda) parece ser mais confortante nesses momentos delicados.

Acredito que quase (digo quase porque tinha um tio que gostava, não perdia um) ninguém gosta de frequentar velórios, mas somos obrigados; é uma imposição da vida. Pega mal não ir. Você vai escutar “um monte” nos dias posteriores...

E essas notícias sempre nos chegam em horários de compromissos, ou às vezes o local é longe, fora de mão. O que dizer então se for à noite, final de semana, em dias de chuva, trânsito complicado, num bairro desconhecido; mas existirá, então ocasião propícia ? É claro que não. É sempre uma missão desagradável, mas ... lá vamos nós.

Ficamos sem saber exatamente o que falar, e continuam a aparecer frases feitas que despejamos mecanicamente:

- Espero que Deus lhe dê bastante força para suportar esse momento...
- Ele (ou ela) descansou...
- Ainda bem que não ficou sofrendo numa cama (será que ficou?)...
- Você está precisando de alguma coisa ?
- Quantos anos ele (ela) tinha?
- Já estava doente, foi de repente?
- Em qual hospital estava internada (o)?
- Pôxa, fiquei sabendo só hoje...
- Ele (ela) está com uma expressão serena...
- Você não quer comer alguma coisa? Talvez um lanche, um suco?

E por aí vai.

Quase sempre não vemos a hora de sair dali. É um “mico” para se usar uma expressão popular. Principalmente quando o falecimento foi de algum parente que você não via ou sabia notícias há muito tempo. Aquela tia distante, ou primos que você sequer conhecia ou dele nem se lembrava mais. Nome então, é uma confusão total...

No meu caso, por ser um dos caçulas da família, pelos dois lados, o problema aumenta. Ainda bem que sempre aparece aquela pessoa que o conhece e vai sendo a anfitriã no velório,

- Esse é o Nelsinho... filho da tia Esther, lembra dele?
- Nelsinho ? Ah! lembro sim... Quantos anos que a gente não se vê! Você sumiu... (parece sempre que sou eu o culpado).
- Pois é, é a correria ... (mentira, minha vida é calma e regrada, mas todos damos essa desculpa, que não sei se ainda cola, mas quem se importa?)
- Quantos anos você tem?
- Você trabalha onde?
- Você engordou (é, 74 kg para 1,73 m está fora dos padrões...)

E as apresentações continuam, em ritmo de festa-velório.

- Lembra do Nelsinho, o irmão do Milton?

- É, estou lembrando (mentira...).

- Cadê seu irmão? (Sei lá, aquilo é uma convocação, com lista de checagem? Meu irmão é hiper atarefado, talvez nem apareça).

- Nossa! (com cara de quem viu uma assombração) eu fui no seu casamento! Quantos filhos você tem?

- Não tivemos filhos. (na realidade homens não podem tê-los, mas tudo bem, vamos para outra pergunta).

- E a sua esposa? Ela também veio (como se aquilo fosse uma festa).

- Não, nós nos divorciamos...

- Ah! que pena! Não me diga! (Sou um dos únicos no planeta a passar por isso! Me sinto mais importante ainda!) – Não fique triste, logo você casa outra vez, afinal ainda está moço e muito enxuto!

Quem disse a essa pessoa que estou preocupado em casar? Mas, agradeço pelo elogio. Nem ousou falar que meses atrás estava namorando com uma garota que tinha idade para ser minha filha! É melhor ficar quieto.

- Onde você estacionou? (ela quis dizer o carro).

- Eu não tenho mais carro. Moro e trabalho no centro da cidade, conheço muitíssimo bem São Paulo, adoro ônibus e metrô, e estou muito feliz em não possuir mais carro. Não tenho porque não quero! Fiquei livre daquele apêndice! (ôpa, começo a me irritar, pareço um alienígena por não ter carro).

- Você não gosta de viajar? Um carro faz falta! (que saco!)

- Até que não. Prefiro avião. Sou viciado em avião.

Nesse momento, percebe-se que a pouca empatia acabou. A pessoa curiosa não quer mais contato comigo. Algumas desculpas são inventadas e uma das partes cai fora. Uso sempre a desculpa de que meu telefone celular está tocando, peço licença e desapareço para outro canto.

Surge um lugar para sentar; eu até que penso em, ... mas já pensou o “desfile” de pessoas que vão passar por ali? E novamente virão mais perguntas. É melhor continuar em pé, andando de um lado para outro, feito bobo, feito um gato acuado.

Mas as situações embaraçosas ainda continuam. Preciso ou devo cumprimentar o marido ou a esposa do falecido(a) e não a reconheço. Outro dia quase beijei e abracei a tia de um amigo pensando que fosse a mãe dele, eram muito parecidas...

Vejo filhos e filhas do falecido(a) que também são meus parentes (normalmente primos de segundo ou terceiro grau) e tenho receio de me aproximar, de trocar nomes. Mas acabo me aproximando, encaro, e deixo ali meu breve recado de conforto. Penso em dar um escorregada, fazendo aquela cara de tristeza, mas ...

- Você é o Nelsinho? A Renata fala muito de você.

- É, sou eu... (me sinto importante...)

- Não falei pra você que ele era bonito? Normalmente isso é disparado em brados (sintomas da perda parcial da audição/memória daquelas que me carregaram no colo quando fui criança).

Elogios de primas e tias com cerca mais de 90 anos (verdade) são duvidosos...

A essa altura é preciso cuidado, pois outras mulheres desviam os olhares para você (chegam mesmo a tirar aquele ridículo óculos escuros para vê-lo melhor).

- ... É, imagino, solteirão, morando sozinho, deve ter um harém...

É verdade, eu penso. Tenho um harém... de obrigações! Cuidar de mim, fazer compras, ir à feira, supermercado, guardar tudo, arrumar a casa, lavar roupa, pendurar roupa, recolher, passar, guardar, costurar, fazer comida, lavar louça, lavar

banheiro, arrumar a cama, tirar pó, cuidar de 1500 e tantos livros, ir a médicos, pagar contas, ajudar as vizinhas (que sempre aparecem com problemas), trabalhar, escrever, escrever, matar barata... Não sobra muito tempo para prazeres mundanos. Mas elas não acreditam muito. Se deixo escapar algumas dessas responsabilidades, escuto outra bobagem:

- Você precisa casar novamente. Encontre uma mulher que faça todas essas coisas... Vá aproveitar a vida. (que conselhos, hein !)

Meu Deus! Não quero arranjar outra mulher para fazer essas coisas, vou me virando. Quando estou junto com uma namorada penso em passear, ir a cinemas, teatros, bares, restaurantes, exposições, viajar, ir a shoppings, livrarias, fazer compras, comer chocolate, gastar dinheiro, comprar presentes, contar piadas, me divertir, dar risada, falar de amor, beijar, fazer sexo, e não vai sobrar espaço para a invasão das minhas responsabilidades. Essas são minhas; é o meu fardo, e graças a Deus consigo dar conta dele, e ainda continuar "um gato" (segundo as boas línguas, porém exageradas...).

Mas o velório continua rolando.

Não se atreva a perguntar para os bem mais velhos como é que eles vão, se está tudo bem, e você certamente ouvirá um desfile de problemas de saúde que tenderão a ser infundáveis, e falam com conhecimento de causa, experiências acumuladas em décadas, que servem para uma porfia com qualquer doutor em medicina.

- É, tirando o problema da pressão, colesterol e diabetes, estou bem. Só quando o tempo muda de repente é que a minha dor ciática ataca, e tomo mais remédios. Fico tão ruim, de cama, que você nem queira saber. Seu tio não consegue cuidar de mim, está ficando surdo, e o reumatismo dele, coitado... (é difícil você sair desta, cuidado!)

Alguém vai ter a infeliz idéia de querer saber o nome dos pais da pessoa idosa que está ali sendo velada. Começam as confusões. - Era filha de fulano, casada com ... como era mesmo o nome?

- Não, você está enganada.... e como se chamam os filhos/filhas, você lembra? É um emaranhado.

- Pergunte pro Nelsinho, ele sabe a história da nossa família.

- Verdade? (não olhe para os lados, fatalmente alguém se aproximou, normalmente para desmentir suas informações, e logo vão pegando no seu braço. Fico sem saber se por um sentimento de posse, carinho, ou para evitar cair).

- É... eu sempre gostei de genealogia e pesquiso a história dos nossos antepassados, principalmente aqueles pelo lado materno. Minha pesquisa já está longe, chegando ao ano de 1700.

- Nossa! Você ta falando muito difícil! Nem lembra mais aquele menininho que usava fraldas! (acho que sou raridade, ninguém usou até hoje). Que legal! Você precisa me passar essas informações... (é verdade, eu tenho obrigação... só eu sei o quão custoso é correr atrás da história perdida, décadas e décadas lá atrás).

- Precisamos marcar uma hora pra você me contar essas coisas, eu sempre quis saber o nome dos meus bisavós...

Imagine a situação: Uma hora, 60 minutos para falar de mais de 300 anos de história complicadíssima. E será que a pessoa interessada sabe que temos 8 bisavós? Quatro de cada lado? Ou ainda 16 trisavós, sendo 8 homens e 8 mulheres, ou então 32 tetravós... e por aí vai.

E o que dizer das pessoas que não sabem como se comportar adequadamente? Comparecem vestindo luto fechado, paletó e gravata (aquilo não é colação de grau!); mulheres maquiadas e perfumadas como se estivessem numa festa, gente falando alto, rindo disfarçadamente.

Alguém vai chamar você a um canto para apresentar um parente.

- Lembra dele (ou dela)?

Quase sempre não lembramos. Olhe outra enrascada, você e a pessoa apresentada querem se ver livre daquele embaraço.

- A gente só se encontra nessas situações.

- É mesmo.... (Antigamente dizíamos: em velórios, casamentos e batizados, mas os dois últimos eventos parecem que estão saindo da moda, e sobraram os velórios - encontros obrigatórios...).

Aparece um religioso para dizer as últimas palavras: Lembro de um velório onde pegaram na minha mão para juntos rezarmos, o Pai Nosso ou a Ave-Maria, até aí tudo bem, só que aquilo se tornou uma ladainha que não acabava mais. Arrastou-se por 15 ou 20 minutos, naquele ambiente abafado pelo perfume das flores e pelo calor das velas, com muita gente chorando; confesso que se demorasse mais eu passaria mal, precisava de ar urgente.

Depois vem a hora de fechar o caixão. É um momento terrível. Para mim o que mais dói. Se puder, ou se o familiar não for muito próximo, a essas alturas eu já deixei o local, sem despedidas. Simplesmente vou embora.

Acompanhar o féretro até o cemitério é uma loucura! Se puder eu escapo. Vão inventar de abrir o caixão, nova choradeira, e após o sepultamento todos ficam com aquela vontade de desaparecer o mais rápido possível. E virão aqueles chavões:

- Vou ligar avisando da missa de sétimo dia...

- Vê se não some! (Acho que vão me agredir!)

- Liga de vez em quando. (Sei lá para qual número, e nessas horas, quem vai anotar? Marcar aonde? Parece até esses papos de algum curso que você faz por aí, onde todos trocam telefones, e depois de alguns dias ninguém se lembra de mais nada... é, é a correria, é a vida !)

- Venha almoçar lá em casa, tenho umas fotos para mostrar...

- Você vai conhecer minhas netas... (Ôpa! Pode até interessar... [maldade!])

Lembro do falecimento da minha tia Noemia. Minha mãe deu-me a notícia por telefone (um sábado ensolarado, onze da manhã, eu com compromisso marcado para a tarde...) Desmarquei tudo, fui buscá-la e lá fomos nós. Nenhum parente sabia o local do velório. Fui até o cemitério indicado e disseram que o corpo chegaria às 5 da tarde para ser sepultado. Saímos de lá e fomos até o necrotério do hospital Sorocabano, no bairro da Lapa, onde estava o corpo da minha tia, enrolado num lençol sobre a mesa de granito. Nenhum familiar, ou o filho, somente nós três. Horário: aproximadamente 1 hora da tarde.

Pouco tempo depois veio o carro da funerária: trouxeram o caixão, arrumaram o corpo e lá permanecemos. Não havia velório, aquele negócio das flores, arranjos, nada, apenas eu, minha mãe, e o caixão com o corpo da minha tia. Resolvi sair e fui comprar uma bonita orquídea e coloquei nas mãos da minha falecida tia. O tempo passava: 2 horas, 3 horas, 4 horas e ninguém aparecia

. Já estava começando a ficar preocupado. Naquele tempo telefone celular não era comum.

O carro da funerária chegou para levar o corpo até o cemitério. Quase 5 horas. Seguimos nós. Cortejo de um só carro acompanhando: o meu carro. Acredito

que esse tenha sido o único, dessa forma, que existiu em toda a história da humanidade! O Carro funerário entrou pela lateral do cemitério; fui estacionar o meu, e segui levando minha mãe (irmã da falecida) pelo braço. Não compreendíamos o inusitado da situação.

Qual não foi a nossa surpresa, quando adentramos ao cemitério, todos os nossos parentes, incluindo filho, nora e netos da falecida, cerca de 50 pessoas, estavam às voltas do caixão, acenando para nós, com uma expressão brava, dizendo: - Vamos logo, já está na hora, só faltam vocês...

Conseguem imaginar a minha revolta? Agradeço a Deus o fato do meu pai já ser falecido àquela época, porque, do contrário, tenho a absoluta certeza de que outros corpos seriam sepultados ali, naquele momento, em represália a tal infâmia!

Outro acontecimento bobo. O pai da minha advogada (a época ainda universitária) faleceu de morte súbita. Fomos ao velório. Eu fui o escolhido no meu setor para representar os colegas. Trabalhávamos juntos e eu já era bem próximo da Beatriz. Uma excepcional amiga, até hoje, já casada.

Lá chegando, ela me deu um abraço tão sentido, e chorou no meu ombro por alguns segundos. O velório terminou, fomos embora, e vim a saber, tempos depois, que o namorado dela (um médico) não gostou de vê-la abraçada comigo, discutiram, e ali mesmo ela acabou o namoro!

Mas, para contrabalançar esse fato chato, vou falar de um que foi bom, muito interessante...

Aconteceu no velório da minha mãe.

- Você lembra do Nelsinho? dizia a minha prima para a sua neta, portanto minha prima de terceiro grau, enquanto segurava o meu braço.

- Não, não lembro, muito prazer, Carla. Lembro de uma vez, eu era pequena e minha avó me levou para passear na sua casa, mas você estava trabalhando. Seu pai, o tio Remo, me mostrou seu quarto e eu vi um monte de bichos dentro de uns vidros. Tinha aranha, escorpião, uma cabeça de tubarão, outra de cachorro, e até uma cobra que você havia trazido de um acampamento... uns mapas na parede, fotos, e quantos livros ! Você sempre gostou de ler né?

- É... Acho que sim; até hoje, acho que de uma certa forma eu vivo disso.

Ah! Meu saudoso pai, sempre me apoiando em minhas loucuras, querendo que eu estudasse medicina. Lamento profundamente não ter escutado todos os conselhos dele, principalmente este. Ele era sábio !

Mas papo vai, papo vem, nós estávamos sentados a um canto, conversando a panos soltos no velório, discretamente, sendo interrompidos apenas por alguém que chegava e vinha me cumprimentar. Minha priminha de terceiro grau estava encantadora. Falamos sobre a segunda faculdade que ela cursava, viagens, livros, filmes, músicas... Eu recém separado de um namoro com uma garota da idade dela, estava me achando não o dono do mundo, mas sócio do dono !

Ali ao lado, o corpo da minha mãe repousava sereno, depois de cinco anos vivendo numa casa de repouso, sendo os dois últimos com Mal de Alzheimer. Somente eu e Deus sabemos o que foram aqueles cinco anos. Nossa missão estava cumprida. Ela não seu trabalho e eu fui um cuidador exemplar!

Depois de mais de uma hora:

- Gostei de conhecer você ! “Meu primo”.

- Eu também gostei muito de conhecer você... Não sabia que tinha uma priminha tão linda assim! Palavras meio desajeitadas, mas no fundo foi olho-nos-olhos...

Aquele encontro no velório foi um alívio para minha tensão. Não me arrependo de nada. Pena que não encontrei a moça no dia seguinte - o dia do sepultamento - nem na missa de sétimo dia.

Telefonei uns dias depois agradecendo a dica de um filme muito bom (Doce Novembro) e até comentei que na realidade, aquilo era só uma desculpa para saber como ela estava... Ela riu. Desconversamos; ela disse que precisava desligar. Faltou pouco para convidá-la para um passeio ou uma tarde no shopping, coisas do tipo, mesmo sabendo que ela estava namorando.

Nunca mais nos falamos.

Talvez tenha sido melhor assim. Sei que não daria certo, seria absurdo, e além do mais a minha prima (avó da moça) é vigilante demais...

Eu já tenho muitas histórias pra contar, enquanto que ela está apenas começando suas leituras da vida ... Que ela seja feliz!

Resolvi escrever essa crônica hoje quando voltei do velório de uma prima, a Adélia - que ela descanse em paz. Topei novamente com muitos dos momentos aqui mencionados.

Acho que já é coisa comum. Procuro compreender e até desculpo algumas bobagens que escuto, afinal, a idade, o momento, sei lá o quê. Volto a baixar a guarda e até fico com pena de algumas pessoas que outrora eu encontrei inteiras, e hoje são apenas recordações. Que isso sirva de lição para eu não envelhecer dessa forma.

Ninguém mais se assusta, muito menos com os mortos. Que estão ali por mera formalidade...

Logo mais, tudo será fim. Fim mesmo.

Nelson Di Francesco - 19-03-2009